

Do quadro negro às redes virtuais: o mal estar docente na era da cibercultura

PROF^ª DR^ª VANINA COSTA DIAS

PROF^º DR^º MARCELO FONSECA GOMES DE SOUSA

PROF^ª MS VIVIANE MARQUES ALVIM CAMPI BARBOSA

Introdução

O acesso cada vez mais global às Tecnologias de Informação e Comunicação -TIC¹ - têm, nas últimas duas décadas, modificado o modo como compreendemos e interagimos com as dimensões mais elementares da vida, tais como o tempo, o espaço e os modos de relação estabelecidos com o Outro². Seus efeitos estendem-se a instituições, processos sociais, relações interpessoais, estruturas de poder, trabalho, lazer, educação, e também às próprias pessoas como sujeitos individuais. Assim, na atualidade, participamos de uma sociedade construída a partir da inter-relação posta por mudanças tão profundas quanto recentes nos campos sociais, tecnológicos e subjetivos, que nos fazem pensar em novas relações e novas culturas.

O conceito de cultura digital se associa ao termo cibercultura, que se refere a uma dimensão nova da vida coletiva, surgindo a partir da expansão do uso da rede de computadores.

1 A partir de agora iremos nos referir as Tecnologias de Informação e Comunicação apenas por sua abreviatura – TIC.

2 O Outro em uma das definições dadas por Lacan no Seminário 11 “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Lacan, 1964/2008, p.200).

De acordo com Lévy (1999), a cibercultura é um neologismo que engloba um amplo conjunto de técnicas, práticas, comportamentos, modos de pensamento e construção de valores, que se originam e que se desenvolvem em consonância com o crescimento do ciberespaço. Este último termo, por sua vez, refere-se não somente à estrutura material que serve de suporte para a comunicação digital, como, também, a todo universo de informações que ela abriga, assim como a ampla rede de usuários que navega por este espaço, o alimenta e o faz expandir. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre os caminhos pelos quais o digital tem feito parte de diversos domínios da cultura, e dentre eles o domínio da educação.

Este trabalho, realizado a partir da pesquisa **Cultura Digital no Ambiente Escolar**³, pretende apontar de que maneira as novas tecnologias - e com ela o uso das novas mídias, possibilitada principalmente pela internet, meio de comunicação fundamental enquanto nova forma de interação humana - tem sido utilizada no espaço escolar e de que maneira essa utilização tem recaído sobre a relação professor-aluno.

O uso das tecnologias na escola

Desde 1990, o debate sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na educação está cada vez mais presente em nossos discursos, com a implementação das primeiras políticas públicas mais estruturadas nesse campo. No início, as ações governamentais enfocavam o acesso ao computador e a conexão à Internet. Mais recentemente, a ênfase se deslocou para programas voltados à produção de conteúdos digitais e à difusão das tecnologias. Tendo em conta o papel estratégico que as TIC desempenham no campo da educação, diversos pesquisadores e agências de pesquisa têm buscado conhecer o alcance dessas iniciativas e em que medida essas políticas vêm atingindo os objetivos e metas a que se propõem.

Com o objetivo de fornecer subsídios para responder a esses e outros questionamentos, o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) realiza anualmente, desde 2010, a pesquisa TIC Educação, que investiga os usos e apropriações das tecnologias, principalmente da Internet banda larga, nas escolas brasileiras. Fazendo uso de uma abordagem quantitativa, a pesquisa TIC Educação tem revelado, ao longo dos anos, (CGI.br, 2011, 2012, 2013, 2014a, 2015), além da persistência de inúmeros

3 Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública de Belo Horizonte, através do Centro de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais com recursos da FAPEMIG.

desafios no campo da infraestrutura tecnológica, que mostram a insuficiência de equipamentos para todos os alunos de uma escola; as limitações da conexão à Internet ou em problemas de manutenção dos recursos TIC. Também se percebe que o acesso às tecnologias não garante o aproveitamento dessas ferramentas para o uso pedagógico. Mesmo sabendo que maior parte das escolas públicas brasileiras possuam computadores, Internet e outros dispositivos, não há, necessariamente, uma apropriação desses meios tecnológicos no processo ensino-aprendizagem.

Em seu estudo qualitativo também iniciado em 2010 e paralelo ao levantamento quantitativo, o Cetic.br procurou elucidar as barreiras e motivações para a adoção das TIC no ambiente da escola. Nesse estudo foi possível verificar os avanços e eventuais retrocessos na incorporação da tecnologia nas escolas, além de observar e identificar as mudanças no ambiente escolar que demonstrem inovações nos processos pedagógicos e administrativos que envolvam o uso e apropriação das TIC pela comunidade escolar principalmente os educadores e alunos.

Já outros estudos se aprofundaram no papel do laboratório de informática e nas limitações de seu uso por professores e alunos (OCDE, 2010). As resistências à utilização de redes sem fio e de celulares com os alunos, por sua vez, sugerem movimentos restritivos à introdução das TIC no ambiente escolar – um tema que é particularmente importante como indicador de um novo modelo de informatização escolar (UNESCO, 2012 e 2014).

Sabemos também que os usos dos recursos tecnológicos ainda exigem muito de professores que mesmo com o passar dos anos ainda continuam pouco familiarizados com a tecnologia, o que remete à necessidade de apoio formal e informal para o desenvolvimento profissional dos educadores. É necessário a criação de espaços de formação para o desenvolvimento de habilidades para o uso das tecnologias, como também o incentivo à mudanças nas crenças e na valorização da inserção desses novos recursos na prática cotidiana do professor. Embora, os dados apontados por essas investigações sejam importantes para a compreensão da utilização das tecnologia no ambiente escolar, nossa pesquisa pretende identificar os enlaces subjetivos da relação professor-aluno permeados por essa tecnologia.

Para Sibilia (2012) aqueles professores que não nasceram nesse novo ambiente envolto às tecnologias, mas foram atravessados por ela e vivenciam suas consequências na ‘própria pele’, se angustiam com esse novo modo de ser e estar no mundo contemporâneo, pois são mais compatíveis com o modelo tradicional de ensino-aprendizagem, revelando sua

“flagrante incompatibilidade com tais ferramentas enquanto se ensamblam com outros artefatos” (SIBILIA, 2012, p. 198).

Em relação aos professores, mesmo que façam uso de seus equipamentos no preparo das aulas, em pesquisas e atividades de formação continuada, ao levarem seus ‘notebooks’ para o ambiente escolar, esses aparelhos, muitas vezes, não fazem parte do contexto da aula, servindo apenas como suporte para o professor nas atividades docentes. Os professores pouco inovam em propostas metodológicas colaborativas com recursos digitais, apesar de já serem usuários de Internet em suas próprias residências. Com isso, em espaços escolares que permitem a utilização dos aparelhos móveis (smartphones e tablets) e também o uso permanente pelos alunos em casa, eles têm se tornado o grande concorrente do professor que perde seu lugar para os sites e aplicativos de pesquisa virtuais. Para Voltolini (2014) esse fenômeno vem despertando algo inédito nos professores: o fantasma da *miniaturização do professor*, uma vez que ele se depara com um objeto em que os jovens sabem mais do que ele.

Assim, sabemos que os avanços das ferramentas tecnológicas vêm afetando a maneira como os professores pensam e realizam as suas ações pedagógicas. Substituídos pelos aparatos tecnológicos e pela Internet, os professores vêm perdendo seu antigo lugar de soberanos do saber na tríade da construção da aprendizagem. Juntamente com isso questões que vão desde a intensificação burocrática do trabalho docente – capturado por sistemas de informatização - até a quantificação do saber docente, refletida na produção de trabalhos acadêmicos e atividades extracurriculares, também vêm modificando sua prática. Torna-se, pois, importante refletir sobre o uso em sala de aula das diferentes mídias, no que diz respeito às ferramentas de trabalho do professor e o lugar que elas ocupam no seu fazer pedagógico, para compreender, de que forma o mundo virtual vem afetando o fazer docente e a relação dos professores com os alunos.

Não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, observa-se uma necessidade de integrar – ou mais efetivamente, impregnar – as TIC ao currículo de forma qualitativa e trazer de fato a cultura digital para a escola e demais espaços de aprendizagem. Pesquisadores americanos e europeus apontam que as principais competências e habilidades para o uso dos aparatos tecnológicos pelos alunos proporcionados pela cultura digital devam estar envolvidas em três grandes domínios: o cognitivo, que se relaciona às estratégias de aprendizado, criatividade e pensamento crítico; o intrapessoal, que se relaciona com a capacidade de lidar com emoções e objetivos; e o interpessoal que envolve a habilidade de expressar ideias, interpretar, dialogar e interagir com o outro. A UNESCO (2009) propõe para os professores três

níveis de apropriação das TIC: “alfabetização em tecnologia, aprofundamento do conhecimento e criação de conhecimentos” que se desenvolvem por meio de “seis componentes do sistema educacional – política e visão, currículo e avaliação, pedagogia, TIC, organização e administração e desenvolvimento profissional do docente” (p. 7).

Como se percebe esse desafio se relaciona, num primeiro momento com a formação inicial e continuada dos professores e, concomitantemente com a incorporação de tendências que já fazem parte do cotidiano da sociedade conectada, tais como: personalização de uso, práticas colaborativas em redes digitais, adoção crescente de celulares, smartphones, tablets e computadores móveis. Além disso, a prática docente na cultura digital se relaciona a modos de fazer que se desenvolvem gradativamente, a partir das particularidades de cada contexto escolar. Em cada escola, com suas realidades sociais e econômicas, encontram-se professores com distintos níveis de competências, que influenciam os modos com que incorporam as TIC em sua prática pedagógica.

O impacto do uso das tecnologias na prática pedagógica

Fortemente impactados pelo avanço da cultura digital, o espaço escolar, espaço de convivência de crianças e adolescentes que dão mostras cada vez mais categóricas de reconfiguração das relações que estabelecem a partir da virtualização de suas práticas sociais e também o modo como criam vínculos com professores e com o conhecimento. Esta reconfiguração faz surgir um mal-estar entre os professores que, diante de uma resistência ou de um não saber em relação à maneira como a integração destas novas tecnologias deve ocorrer na sua prática pedagógica cotidiana, ensaiam diversas formas de lidar com esse mal-estar.

Despertando em muitos professores a experiências de descontrole, como também de falta de domínio de sua ação, pois a entrada da tecnologia e das redes sociais no campo da educação retira do professor o lugar de saber (VOLTOLINI, 2014) e também a escola do lugar de compartilhamento do conhecimento. Do confronto entre as gerações, pode-se perceber, de um lado, a emergência de um objeto que as crianças manejam melhor que os adultos, e por outro lado, a consumação de um espaço virtual desterritorializado, não como um espaço “vazio”, mas sim preenchido por múltiplos objetos, que o configuram como um espaço onde se agenciam relações, no qual o indivíduo se move, se comunica e se constitui. Nesse espaço, o que produz o mal-estar na confrontação do professor com aquilo que ele talvez mais tema não é o seu choque com o *não saber* em relação ao uso das tecnologias que poderiam afetar sua relação com os alunos, mas sim com a própria docência, que se vê ameaçada em relação à destituição de seu lugar de mestria no processo educativo, além

da percepção de uma reserva dos professores em relação aos impactos que o uso das tecnologias pode ter na economia subjetiva de adolescentes.

Diante dessa nova realidade, observamos, na prática pedagógica de professores que estão buscando a inserção das tecnologias em seu dia a dia de trabalho, dois elementos diferentes, a partir dos quais percebemos seu mal-estar:

O primeiro elemento é o sintoma do professor pensado como um sofrimento relativo ao seu despreparo para lidar com os avanços da cibercultura e o seu assombro com o fantasma da *miniaturização* de sua função (VOLTOLINI, 2014). Essa miniaturização é assim apontada nas falas dos professores: *“Essa geração vive o momento, eles ficam conectados o tempo todo. Na minha disciplina é preciso que exista uma temporalidade.”* E ainda *“Já fiz projeto para ensinar aspectos históricos através da história dos videogames, mas eles não se interessaram”.* (Fabiano- Professor de História)

O segundo elemento está ligado à incerteza dos professores em relação à maneira como o avanço da cibercultura pode ser observado entre os alunos, que podem potencializar as formas como a aprendizagem ocorre, visto que novos recursos podem se aliar a novas estratégias pedagógicas; contudo, sintomas ligados ao uso das tecnologias podem ser notados no processo de aprendizagem. Com eles afirmam: *“A tecnologia é o vilão ou é o herói. Eu uso como herói.”* Como também *“Utilizo o grupo do Facebook como um canal de comunicação. Os meninos não saem das redes sociais. Não respondo no Facebook o aluno “picareta” ele tem que utilizar a fala em sala de aula”* (Lucas – Professor de Geografia).

Os estudos bibliográficos e as entrevistas realizadas com professores a partir da pesquisa **Cultura Digital no Ambiente Escolar** têm revelado, também, a utilização das TIC por professores como um complemento à sua prática docente, que é tida por eles como mediadora da aquisição do conhecimento. Esta deve ser incorporada no seu fazer cotidiano, mas não substituindo a sua função docente, e sim, dando a ele diversas possibilidades e ferramentas que podem ser incorporadas às aulas, tornando-as mais atrativas aos alunos. Assim, entendemos que as tecnologias proporcionam tanto aos professores quanto aos alunos o acesso a uma quantidade infinita de informações, que podem ser utilizadas de diversas maneiras, dando ao professor a condição de oferecer ao aluno uma série de possibilidades de conhecimento que antes não poderiam ser apresentadas. Por outro lado, a angústia dos professores diante de jovens cada vez mais estimulados em sala de aula permanece produzindo um desencontro entre a demanda desses jovens e as habilidades docentes.

Remetendo-nos a Perrenoud (2000, p. 125), que já indicava que entre as novas e necessárias competências profissionais para ensinar no século XXI destaca-se a de “utilizar novas

tecnologias”, esse autor afirmava que, “as novas tecnologias da informação e da comunicação transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar”. Dessa forma, ao fazer parte da evolução do ofício do professor, as TICs possibilitarão a criação de situações de aprendizagem ricas, complexas e diversificadas.

Encontramos, na atualidade, professores que acompanham a tecnologia tanto quando os alunos, mas ainda há aqueles que continuam presos ao tradicionalismo de tempos atrás e ainda prejudicados pela configuração atual das escolas públicas e da realidade socioeconômica híbrida da maioria de seus estudantes, que ainda não tem acesso de forma igualitária às tecnologias digitais.

Finalizando, podemos apontar que os impactos das tecnologias sobre a sociedade e a cultura incitam uma reflexão sobre as relações entre os professor e aluno sendo necessária sua ressignificação. As novas tecnologias precisam ser contempladas na prática pedagógica do professor, de modo a incrementar sua ação e interação no mundo contemporâneo, com critério, ética e uma visão transformadora da escola.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil – **TIC Educação 2014**. Coord. Alexandre F. Barbosa. São Paulo: CGI.br, 2015. Disponível em: http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 16 jul. 2016.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. 6. ed. Campinas: Papi-rus, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNES-
CO. **Padrões de Competência em TIC para Professores**. Brasília: UNESCO, 2009.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SIBILIA, P. **A escola no mundo conectado: Redes em vez de muros?** Matrizes. São Paulo: USP/ECA/ SIBI. Ano 5 nº 2 jan.jul/ 2012, p.195-211.

VOLTOLINI, R. Prefácio. In: ORNELLAS. Maria de L. et al. **Educação no balanço das Redes Sociais: notas psicanalíticas**. Belo Horizonte: Fino Traço. 2014.